

O poder das identificações e crenças na obra de Jorge Luis Borges

Luis Kancyper*, Buenos Aires

A memória de Shakespeare é um conto crepuscular do último Borges. Foi escrito no final de sua vida e irradia, sobre sua obra anterior, a luz fria de um astro que se apaga. A partir desse texto, o autor estuda, na cartografia mental dos personagens borgeanos, os diferentes lugares do pai. Se bem prevaleça em sua obra a figura central da simbiose pai-filho, também encontramos nela outros campos dinâmicos intergeracionais designados por relações menos narcisistas e nos quais prevalecem pais que chegaram a processar, em certa medida, seus próprios lutos da onipotência, imortalidade e especularidade na dimensão parento-filial. Porque, assim como os pais são necessários para que o filho chegue a configurar sua própria estrutura edípica, também o são para que eles mesmos, através de um gradual e árduo trabalho de elaboração psíquica, possam desfazer-se da desmedida do seu poder parental originário. Denominando-o simbiose pai-filho, desenvolve com amplitude o conceito da relação pré-edípica com o pai como uma relação centáurica, fusional e ambígua, fase necessária e estruturante no desenvolvimento humano para que o filho logre o desprendimento da primeira simbiose com a mãe e chegue à configuração e elaboração da situação edípica.

Descritores: Pré-Édipo. Édipo. Identificação reivindicatória. Crença psíquica. Simbiose pai-filho.

* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica Argentina.

Introdução

A memória de Shakespeare (1982a) é um conto crepuscular do último Borges. Foi escrito no final de sua vida e irradia, sobre sua obra anterior, a luz fria de um astro que se apaga. Neste sentido, esse relato pode ser lido como uma versão (ou inversão) derradeira, grave e melancólica, dessa jubilosa entrada na literatura de ficção que, segundo Borges, teve lugar somente em 1939 com *Pierre Menard, autor do Quixote*:

Se Pierre Menard, um escritor francês de segunda linha, pretendia ali chegar ao Quixote sem querer ser Cervantes (sem querer deixar de ser Pierre Menard, um escritor simbolista do século vinte), Hermann Soergel, o narrador de *A memória de Shakespeare*, acata um destino oposto: o de ser William Shakespeare (Rodríguez, 2005, p. 4).

Nesse conto, Hermann Soergel recebe a memória opressora de um outro que não se ausenta jamais e expõe seu fracasso: encontra-se totalmente incapacitado para fazer frente aos invasivos desejos alheios nele implantados. Encontra, como única solução falha para distanciar-se dessa situação conflitiva e traumatizante, uma identificação maciça com os desejos não realizados e impostos a ele por outros e a missão de redimi-los. Finalmente permanece acantonado, rendido e sofrendo em um labirinto narcisista-masquista, como se houvesse sido programado para a obediência e a submissão.

Seu problema não é querer recordar, mas não poder esquecer. Não poder se desfazer do feitiço do poder identificatório parental que o oprime sem trégua. Desse conto, diz Piglia (1999):

Hermann Soergel é um obscuro acadêmico alemão dedicado à obra de Shakespeare que recebe o inesperado dom de sua memória pessoal. Mas o seu resultado é decepcionante, a memória de Shakespeare o esmaga e somente serve para vãos fins eruditos. O dom de possuir uma memória alheia torna-se terrível quando o herdeiro termina possuído por ela. Possuir ou ser possuído por uma memória imposta, esta parece ser a questão. Esse último conto de Borges surgiu de um sonho. Borges, aos oitenta anos, viu um homem sem rosto que, em um quarto de hotel, oferecia-lhe a memória de Shakespeare. “Essa felicidade me foi dada em Michigan”, conta Borges. Não era a memória de Shakespeare no sentido da fama de Shakespeare,

isso teria sido muito trivial; tampouco era a glória de Shakespeare, mas a memória pessoal de Shakespeare (p. 61).

Na seqüência, colocarei esse conto no divã. Transcreverei suas partes mais destacadas porque este relato, escrito aos oitenta e um anos de idade, descreve com simplicidade fatos portentosos. Permite-nos, por um lado, vislumbrar retroativamente o peso determinante da crença de *o filho-povo eleito* na realidade psíquica dos indivíduos e das massas. Por outro lado, nos propicia a revisão psicanalítica dos seguintes temas:

- a) o papel dos fatores pré-edípicos e edípicos na vida psíquica normal e patológica;
- b) o Édipo no mito e na tragédia;
- c) o Édipo borgeano;
- d) neurose de predomínio dual;
- e) o lugar do pai e sua tipologia diferente na cartografia mental borgeana.

A memória de Shakespeare

Escreve Borges (1982a)¹:

Há devotos de Goethe, das Eddas e do tardio cantar dos Nibelungos; Shakespeare foi o meu destino. Ainda é, mas de um modo que ninguém teria podido pressentir, salvo um único homem, Daniel Thorpe, que acaba de morrer em Pretória. Há outro cujo rosto nunca vi. Sou Hermann Soergel. [...] Nomeei Daniel Thorpe. Apresentou-o a mim o major Barclay, em certo congresso shakespeariano. Não direi o lugar nem a data; sei muito bem que tais precisões são, na realidade, imprecisões. Mais importante que o rosto de Daniel Thorpe, que minha cegueira parcial me ajuda a esquecer, era sua notória infelicidade. Ao longo dos anos, um homem pode simular muitas coisas, mas não a felicidade. De um modo quase físico, Daniel Thorpe exalava melancolia. Depois de uma longa sessão, a noite encontrou-nos em uma taverna qualquer. Para sentir-nos na Inglaterra (onde já estávamos), apuramos em rituais jarras de peltre, cerveja morna e negra. [...] As palavras que tento reconstruir me impressionaram menos do que a convicção com que as disse Daniel Thorpe. Achamos que diria algo mais, mas de repente

¹ N.T.: Todos os trechos de Borges seguem a *Edição Brasileira das Obras Completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 1999. Vários tradutores.

calou-se, como que arrependido. Barclay despediu-se. Juntos, nós dois voltamos ao hotel. Era muito tarde, mas Daniel Thorpe propôs-me que prosseguíssemos a conversa em seu quarto. Após algumas trivialidades, disse-me: – Ofereço-lhe o anel do rei. É claro que se trata de uma metáfora, mas o que esta metáfora encobre não é menos prodigioso que o anel. Ofereço-lhe a memória de Shakespeare desde os dias mais pueris e mais antigos até os do início de abril de 1616. Não acertei em pronunciar uma palavra. Foi como se me oferecessem o mar. [...] Um pouco intimidado, perguntei-lhe: – O senhor, agora, tem a memória de Shakespeare? Thorpe respondeu: – Tenho, ainda, duas memórias. A minha pessoal e a daquele Shakespeare que parcialmente sou. Ou melhor, duas memórias me têm. Há uma zona em que se confundem. Há um rosto de mulher que não sei a que século atribuir. Perguntei-lhe então: – O que fez o senhor com a memória de Shakespeare? Houve um silêncio. Depois disse: – Escrevi uma biografia romanceada que mereceu o desdém da crítica e algum sucesso comercial nos Estados Unidos e nas colônias. Acho que é tudo. Previni-o de que meu presente não é uma sinecura. Continuo à espera de sua resposta. Fiquei pensando. Não havia consagrado minha vida, não menos incolor que estranha, à busca de Shakespeare? Não era justo que no fim da jornada eu desse com ele? Disse, articulando bem cada palavra: – Aceito a memória de Shakespeare. Algo, sem dúvida, aconteceu, mas não percebi. Apenas um princípio de fadiga, talvez imaginária. Lembro claramente que Thorpe me disse: – A memória já entrou em sua consciência, mas é preciso descobri-la. Surgirá nos sonhos, na vigília, ao virar as folhas de um livro ou ao dobrar uma esquina. O senhor não se impaciente, não invente lembranças. O acaso pode favorecê-lo ou atrasá-lo, segundo seu misterioso modo. À medida que eu vá esquecendo, o senhor recordará. Não lhe prometo um prazo. O que sobrava da noite foi dedicado a discutir o caráter de Shylock. Abstive-me de indagar se Shakespeare havia tido contato pessoal com judeus. Não quis que Thorpe imaginasse que eu o submetia a uma prova. Comprovei, não sei se com alívio ou com inquietação, que suas opiniões eram tão acadêmicas e tão convencionais como as minhas. Apesar da vigília anterior, quase não dormi na noite seguinte. Descobri, como em tantas outras ocasiões, que eu era um covarde. Pelo temor de ser defraudado, não me entreguei à generosa esperança. Quis pensar que era ilusório o presente de Thorpe. Irresistivelmente, a esperança prevaleceu. Shakespeare seria meu, como ninguém foi de ninguém, nem no amor, nem na amizade, nem sequer no ódio. De algum modo eu seria Shakespeare. [...] A ninguém é dado abarcar em um único

instante a plenitude de seu passado. Nem a Shakespeare, que eu saiba, nem a mim, que fui seu parcial herdeiro, ofereceram esse dom. A memória do homem não é uma soma; é uma desordem de possibilidades indefinidas. Santo Agostinho, se não me engano, fala dos palácios e cavernas da memória. A segunda metáfora é a mais justa. Foi nessas cavernas que entrei. Tal como a nossa, a memória de Shakespeare incluía zonas, grandes zonas de sombra repelidas voluntariamente por ele. Não sem algum escândalo lembrei que Ben Jonson fazia-lhe recitar hexâmetros latinos e gregos e que o ouvido, o incomparável ouvido de Shakespeare, costumava errar uma quantidade deles, em meio às risadas dos colegas. Conheci estados de felicidade e de sombra que transcendem a comum experiência humana. Sem que eu soubesse, a longa e estudiosa solidão havia-me preparado para a dócil recepção do milagre. Depois de uns trinta dias, a memória do morto animava-me. Durante uma semana de curiosa felicidade, quase acreditei ser Shakespeare. A obra renovou-se para mim. [...] Compreendi que as três faculdades da alma humana, memória, entendimento e vontade, não são uma ficção escolástica. A memória de Shakespeare não podia revelar-me outra coisa que as circunstâncias de Shakespeare. É evidente que estas não constituem a singularidade do poeta; o que importa é a obra que executou com esse material inconsistente. Ingenuamente, eu havia premeditado, como Thorpe, uma biografia. Não demorei em descobrir que esse gênero literário requer condições de escritor que por certo não são minhas. Não sei narrar. Não sei narrar minha própria história, que é bem mais extraordinária que a de Shakespeare. Além do mais, esse livro seria inútil. O acaso ou o destino deram a Shakespeare as triviais coisas terríveis que todo homem conhece; ele soube transmutá-las em fábulas, em personagens muito mais vívidos que o homem cinza que sonhou com eles, em versos que as gerações não deixarão desaparecer, em música verbal. Para que destecer essa rede, para que minar a torre, para que reduzir às módicas proporções de uma biografia documental ou de uma romance realista o som e a fúria de Macbeth? Goethe constituiu, segundo se sabe, o culto oficial da Alemanha; mais íntimo é o culto a Shakespeare, que professamos com nostalgia. (Na Inglaterra, Shakespeare, que tão distante está dos ingleses, constitui o culto oficial; o livro da Inglaterra é a Bíblia). Na primeira etapa da aventura senti a felicidade de ser Shakespeare; na última, a opressão e o terror. No início, as duas memórias não misturavam suas águas. Com o tempo, o grande rio de Shakespeare ameaçou, e quase afogou meu modesto caudal. Percebi com temor que estava esquecendo a língua de meus pais. Já que a identidade pessoal baseia-se na

memória, temi por minha razão. Meus amigos vinham visitar-me; assombrou-me que não percebessem que eu estava no inferno. Comecei a não entender as coisas cotidianas que me rodeavam (die alltägliche Umwelt). Certa manhã perdi-me entre grandes formas de ferro, de madeira e de cristal. Aturdiram-me assobios e clamores. Demorei um instante, que pôde parecer-me infinito, em reconhecer as máquinas e os vagões da estação de Bremen. À medida que transcorrem os anos, todo homem é obrigado a suportar o crescente peso de sua memória. Duas me angustiavam, confundindo-se às vezes: a minha e a do outro, incomunicável. Todas as coisas querem perseverar em seu ser, escreveu Spinoza. A pedra quer ser uma pedra, o tigre, um tigre, eu queria voltar a ser Hermann Soergel. Esqueci a data em que decidi libertar-me. Dei com o método mais fácil. No telefone marquei números ao acaso. Vozes de criança ou de mulher respondiam. Pensei que meu dever era respeitá-las. Dei por fim com uma voz culta de homem. Disse-lhe: – Você quer a memória de Shakespeare? Sei que o que lhe ofereço é muito sério. Pense bem. Uma voz incrédula replicou: – Enfrentarei esse risco. Aceito a memória de Shakespeare. Declarei as condições da dádiva. Paradoxalmente, sentia ao mesmo tempo a nostalgia do livro que eu deveria ter escrito e que me foi proibido escrever e o temor de que o hóspede, o espectro, nunca me deixasse. – Desliguei o telefone e repeti como uma esperança estas resignadas palavras: *Simply the thing I am shall make me live*. Eu havia imaginado disciplinas para despertar a antiga memória; tive de buscar outras para apagá-la. Uma entre tantas foi o estudo da mitologia de William Blake, discípulo rebelde de Swedenborg. Comprovei que era menos complexa do que complicada. Esse e outros caminhos foram inúteis: todos levavam-me a Shakespeare. Encontrei, enfim, a única solução para povoar a espera: a estrita e vasta música, Bach. P.S. 1924 – Já sou um homem entre os homens. Na vigília sou o professor emérito Hermann Soergel, manuseio um fichário e redijo trivialidades eruditas, mas na aurora sei, algumas vezes, que aquele que sonha é o outro. De vez em quando, surpreendem-me pequenas e fugazes memórias que talvez sejam autênticas (p. 47).

O conto se inicia com a expressa devoção de Hermann Soergel por chegar a ser Shakespeare. Anseia materializar em seu próprio corpo o destino irrealizado de Daniel Thorpe, que, na realidade, havia desejado ser o gênio de Stratford, mas somente chegou a escrever “uma biografia romanceada que mereceu o desdém da crítica e algum sucesso comercial nos Estados Unidos e nas colônias” (Ibid., p. 47).

Soergel aceita a aliança proposta pelo outro. Participa ativamente do pacto

com Thorpe, com a finalidade de chegar a redimir o desejo do desejo daquele outro nele. Em recompensa, se converteria em seu inquestionado herdeiro e Redentor.

O estabelecimento do pacto entre um pai-Deus e um filho eleito que promete velar por ele, ser habitado por sua memória e permanecer fiel a seu culto origina entre ambos uma relação narcisista e indiscriminada que denominei *simbiose pai-filho* (Kancyper, 1989). Quando esta se cristaliza através dos tempos, como acontece neste relato, erige-se, entre ambos um inexorável labirinto narcisista-masoquista de abordagem terapêutica muito difícil.

Considero que o pacto-aliança desvelada neste último conto do poeta põe a descoberto um elo essencial na cadeia da origem causal do destino trágico dos personagens borgeanos. Elucida certos traços de caráter que governam suas relações com eles mesmos e com os demais a partir da condição de ser *o eleito*.

Efetivamente, Hermann Soergel, ao aceitar a proposta para chegar a ser o portador da memória do outro, se posiciona no lugar de um primogênito receoso de outros intrusos à espreita e permanece viscosamente aderido a um pai-Deus como seu único e legítimo continuador.

O relato continua com a descrição do oferecimento sedutor de Thorpe e com o embriagador estado de fascinação de Soergel:

Não acertei em pronunciar uma palavra. Foi como se me oferecessem o mar. [...] Fiquei pensando. Não havia consagrado minha vida, não menos incolor que estranha, à busca de Shakespeare? Não era justo que no fim da jornada eu desse com ele? Disse, articulando bem cada palavra: – Aceito a memória de Shakespeare. Algo, sem dúvida, aconteceu, mas não percebi. Apenas um princípio de fadiga, talvez imaginária (Borges, 1982a, p. 47).

Talvez parte desta imaginária fadiga se deva à sua infatigável busca de permanecer como o único e perfeito duplo: imortal, especular e ideal do pai. Este privilégio singular, baseado na crença de ser *o eleito*, opera como um fascinante estímulo sublimatório e, além disso, como uma armadilha narcisista que intercepta gravemente o acesso à exogamia.

“Depois de uns trinta dias, a memória do morto animava-me. Durante uma semana de curiosa felicidade, quase acreditei ser Shakespeare.” Efetivamente, ao longo de toda sua obra, Borges leva ao limite a pretensão impossível de ser uno com o ideal. Pretende, por um lado, anular a tensão da diferença estrutural entre as instâncias do aparato anímico: entre o ego e o ideal e entre o ego e o superego e o id: *Borges e eu* (Borges, 1960).

Por outro lado, na dimensão intersubjetiva, pretende também recobrir a

irredutível descontinuidade com uma continuidade fantasmática de eternidade entre ele e o outro: *Agosto, 25, 1983: la memoria de Shakespeare* (Borges, 1982b).

Pretende, definitivamente, profanar a zona sagrada da diferença intersubjetiva, que, ao mesmo tempo que constitui e preserva a singularidade de todo sujeito, distingue-o de seu semelhante. Esta temática se estende desde *Pierre Menard, autor do Quixote* (Borges, 1939) até *A memória de Shakespeare* (Borges, 1982a).

Este vão intento de chegar a ser um fusionado em uma total coincidência com outro e materializar a fantasia dos vasos comunicantes (Kancyper, 2003) conduz finalmente à desidealização dessa impossível façanha e desencadeia uma angústia lacerante que ameaça com a dissolução da própria subjetividade.

Na primeira etapa da aventura senti a felicidade de ser Shakespeare; na última, a opressão e o terror. No início, as duas memórias não misturavam suas águas. Com o tempo, o grande rio de Shakespeare ameaçou e quase afogou, meu modesto caudal. Percebi com temor que estava esquecendo a língua de meus pais. Já que a identidade pessoal baseia-se na memória, temi por minha razão. [...] Esqueci a data em que decidi libertar-me. [...] – Você quer a memória de Shakespeare? Sei que o que lhe ofereço é muito sério. Pense bem. [...] Esse e outros caminhos foram inúteis: todos levavam-me a Shakespeare (Borges, 1982a, p.47).

Os personagens borgeanos não podem fazer suas as palavras de Píndaro (474 a.C.): “Ó minha alma, não aspire à vida imortal, mas esgota o campo do possível”.

Mas o campo do possível dista muito de satisfazer a crença da perfeição indispensável que reclama o ideal borgeano com insistência e insaciabilidade. A tensão entre o ego e o desmesurado ideal termina, de forma gradual e progressiva, minando o sentimento da própria dignidade e acrescentando os sentimentos de culpabilidade, vergonha e remorso.

Britton (1994) considera que existem razões complexas pelas quais surgem, em certos sujeitos particulares, problemas para distinguir entre a realidade material e a psíquica, entre o símbolo e o objeto e entre a crença e o conhecimento. Tais problemas estão relacionados com uma marcada dificuldade para abandonar objetos. Abandoná-los não se refere simplesmente a aceitar o fato de sua perda, senão a aceitar todas as mudanças necessárias operadas nas crenças sobre o mundo que surgem a partir de tal perda:

Uma dessas crenças que devem ser abandonadas é a de que o objeto perdido resulta indispensável para a vida. Nesse sentido, algumas pessoas

experimentam a mesma dificuldade com as crenças que com os objetos: não podem aceitar que não são indispensáveis (p. 27).

a) O papel dos fatores pré-edípicos e edípicos na vida psíquica

Borges em *Édipo e o enigma* (1964b):

Quadrúpede na aurora, alto no dia / E com três pés errando pelo vão / Âmbito do entardecer, assim via / A eterna esfinge ao inconstante irmão, / O homem, e à tarde um homem vaticina / Decifrando aterrado, no cristal / Da monstruosa imagem, o fatal / Reflexo de seu destino e ruína. / Somos Édipo e, de modo eternal, / Somos, no vasto e tríplice animal, / O que seremos e tenhamos sido. / Aniquilar-nos-ia ver a ingente / Forma de nosso ser; piedosamente / Deus nos depara sucessão e olvido. (p. 929)

E a psicanálise nos apresenta uma outra alternativa: a de poder decifrar alguns dos intrincados enigmas do inconsciente que estruturam e desestruturam a singularidade de cada sujeito. Para que cada indivíduo possa chegar a ser, em certo modo, um agente ativo de seu próprio destino e não uma mera vítima, como foi Hermann Soergel, de um labirinto inexpugnável. “Somos Édipo e, de modo eternal, somos, no vasto e tríplice animal, o que seremos e tenhamos sido”, nos diz o poeta.

Mas como livrar-nos de seu cego poder? Como abrir brechas e penetrar no interior do determinismo repetitivo do labirinto borgeano para que o sujeito não permaneça imantado, como um refém, a um destino pré-fixado e possa aceder a uma realidade cambiante de incertas e infinitas possibilidades, da qual ele é o protagonista responsável? Como quebrar, definitivamente, o tempo circular borgeano e reabrir o tempo congelado dos traumas e das identificações e crenças alienantes da compulsão à repetição?

A psicanálise aspira a elucidar alguns aspectos crípticos da submissão misteriosa do homem à ferocidade e ao capricho de certas forças ominosas do *inumano*, às quais deve enfrentar. *O inumano* na tragédia e nos mitos alude não somente às ingovernáveis forças da Natureza, mas inclui também o poder arbitrário e caprichoso dos deuses que são sobre (ou extra) humanos. O inconsciente também opera como se fosse uma força e uma realidade extra-humanas. Apresenta sua realidade própria e clama por expressar-se através de sintomas, inibições, angústias e outros variados afetos que escapam ao governo voluntário dos indivíduos e das massas.

Essas manifestações escandalosas do inconsciente se encontram comandadas

pela ação de fantasias, crenças, traumas e identificações; e a psicanálise, ao torná-los conscientes, aporta elementos essenciais para que o sujeito consiga opor resistência, em certa medida, ao irreparável e funesto destino subjacente, como sentença inamovível, na dimensão trágica dos personagens borgeanos. Farei, a seguir, uma revisão de certos conceitos psicanalíticos para diferenciar o Édipo borgeano do Édipo freudiano. Para tal, abordarei previamente a importância dos fatores pré-edípicos e edípicos na estruturação psíquica.

Se muitos de nós sentimos a necessidade de avaliar outra vez o complexo de Édipo é por nos darmos conta que, desde as formulações de Freud, esta *pedra angular* da teoria psicanalítica tem sofrido, pelo fato mesmo dos múltiplos aportes pós-freudianos, uma série de desvios e modificações mais ou menos solapados, dissimulados sob uma aceitação por princípio das descrições de Freud. Os aportes que se apresentam, à primeira vista, como meras extensões ou meros agregados à teoria inicial, podem chegar a modificá-la por uma espécie de contragolpe que repercute até os fundamentos. Além disso, nenhuma modificação importante na teoria pode ser considerada como inócua: incide imediatamente sobre a clínica e a técnica e configura por sua vez uma psicanálise distinta (Grifos do autor; Baranger, 1976, p. 303).

Efetivamente, o complexo de Édipo, conceito básico para Freud, é um fator essencial da constituição do sujeito humano. Desempenha um papel fundamental na estrutura da personalidade e na orientação do desejo.

Numerosos autores sustentam que, anteriormente à estrutura triangular do Édipo, existe uma relação puramente dual e que os conflitos relativos a esse período podem ser analisados sem fazer intervir a rivalidade em relação a um terceiro. Acorde ao problema de uma estrutura pré-edípica, a posição de Freud seguiu sendo muito precisa: declara haver tardado em reconhecer todo o alcance da união primitiva com a mãe, mas também pensa que, para explorar esses fatos, não é preciso recorrer a outro eixo de referência que o do Édipo como o complexo nodular das neuroses.

Para Freud (1908), o pai se encontra presente como *rival inoportuno* mesmo quando, na relação pré-edípica, predomina a relação com a mãe:

A escola de Melanie Klein, analisando as fantasias mais arcaicas, sustenta que, na relação com a mãe, intervém precocemente o pai, como indica especialmente a fantasia do pênis paterno guardado no corpo da mãe. Contudo, cabe indagar se a presença de um terceiro termo (falo) na relação

primitiva mãe-filho justifica a descrição desse período como *fase precoce do Édipo*. Efetivamente, o pai não se encontra presente, então, como instância proibitiva. Dentro desta perspectiva, J. Lacan, 1981, examinando as concepções kleinianas, fala do *triângulo pré-edípico* para decifrar a relação mãe-filho-falo, intervindo este último termo como objeto fantasmático do desejo da mãe (Grifos do autor; Laplanche; Pontalis, 1971, p. 286).

A estrutura triangular edípica antecede, em uma ordem lógica e não cronológica, à situação dual pré-edípica e não o inverso. Preexiste ao nascimento biológico do *infans* nos desejos e nas identificações parentais que recaem inexoravelmente sobre cada sujeito. Por isso, considero necessário abandonar uma leitura solipsística do complexo nuclear das neuroses a partir unicamente do núcleo pulsional do Édipo, para tomar uma visão conjunta e abarcadora das histórias e situações traumáticas próprias de Laio e de Jocasta investidas sobre o filho. Entre estes três vértices gera-se um conjunto dinâmico de forças no qual se cria uma fantasia originária inconsciente básica de campo portadora de um relato singular e de uma trama invisível e hermética feita de paixões e crenças, de escândalos e segredos. Esta fantasia modela, em cada sujeito, uma estrutura edípica única que se articula ademais com os efeitos provenientes das dinâmicas narcisista e fraterna e pode chegar a marcar o destino do sujeito.

Efetivamente, os pais, o filho e os irmãos entre si, implicados na estrutura edípica como um campo de forças, não podem ser descritos nem entendidos como pessoas isoladas, senão como uma totalidade estruturada cuja dinâmica resulta da interação de cada integrante com os outros em uma causação recíproca dentro de um mesmo processo dinâmico.

Esta leitura diferente possibilita ganhar em entendimento de complexidade crescente, atribuível aos fenômenos progressivos e regressivos que se apresentam nos entrelaçamentos geracionais e à dinâmica que se origina entre a intrasubjetividade, a intersubjetividade e suas incidências na estruturação-desestruturação das instâncias psíquicas em cada um dos participantes.

b) Édipo na tragédia e no mito

Freud, baseando-se na tragédia de Sófocles, apresenta Édipo como o agente assassino que atua os desejos parricidas e incestuosos, enquanto que, no relato mítico, Édipo é, na realidade, uma mera vítima de uma história de remorsos e ressentimentos concernentes a seu pai Laio.

O filho, previamente a seu nascimento biológico, já havia sido destinado

a cumprir a missão de um herói trágico como o castigador implacável de um pai culposo e sentenciado que devia matar retaliativamente. Considero que o parricídio no mito de Édipo é a externalização de uma história de identificações inconscientes que o alienaram ao passado condenatório de seu pai e não como uma manifestação solipsística de pulsões tanáticas defusionadas. O mito nos relata que

Laio, filho de Lábdaco, buscou refúgio junto a Pélope e ali se enamorou do jovem Crísipo, inventando assim – pelo menos alguns acreditam – o amor contranatura. Raptou o jovem e foi maldito por Pélope. Crísipo suicidou-se por vergonha e Laio não pôde escapar à lei taliônica do oráculo, que lhe predisse que seria morto por seu filho. Finalmente foi morto por Édipo próximo a Delfos, no cruzamento dos caminhos de Dáulide e Tebas (Grimal, 1982, p. 140).

Neste relato, Laio é um pai filicida porque, prévio ao nascimento de Édipo, este já havia sido investido por ele com uma identificação tanática maciça. Portanto Édipo é, a uma só vez, o vitimador e a vítima de uma série de histórias de tormentos dos *outros nele*, e estas comandaram finalmente a fatalidade de seu destino maldito. Efetivamente, Édipo havia sido destinado para operar como o braço assassino executor de uma história de culpas concernentes a seu pai: “Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se fragilizaram” (Jeremias, 31:29).

Rascovsky (1967) introduziu o termo filicídio para pôr em evidência que, na tragédia edípica, o parricídio e o incesto constituem o conteúdo manifesto e o filicídio seu conteúdo latente e o elemento genético de todo o processo. Sustentou que a impossibilidade de Édipo de elaborar a repressão do incesto e do parricídio resultava de uma falta de identificações adequadas com aspectos bons de seus objetos iniciais, que teriam se caracterizado por uma natureza extremamente persecutória e idealizada, configurando uma fixação paranóide esquizóide:

Suas intensas defesas maníacas levaram-no, através do uso da recusa², a matar seu pai e a coabitar com sua mãe; a dissociação idealizada dos pais persecutórios, Laio e Jocasta, aparece na forma de seus pais substitutos, Pólipo e Mérope, cuja existência constitui uma típica novela familiar baseada em tal idealização (Ibid., p. 717).

² No original *renegación*. Traduzido como recusa da realidade conforme LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Considero que a perversidade de Édipo tinha sido determinada em grande medida pelos influxos destrutivos exercidos por uma identificação reivindicatória maciça (Kancyper, 1992). Esta teria comandado a origem e o desenlace inexorável de sua tragédia. Penso que é necessário diferenciar a identificação reivindicatória da identificação com o agressor, que constitui um mecanismo de defesa. Anna Freud (1936) o descreve:

Vê-se atuar a identificação com o agressor em diversas circunstâncias: agressão física, crítica, etc., podendo intervir a identificação antes ou depois da agressão temida. O comportamento que se observa é o resultado de uma inversão dos papéis: o agredido converte-se em agressor. Ou seja, que o sujeito, diante de um perigo exterior, identifica-se com seu agressor, seja reassumindo por sua conta a agressão na mesma forma, ou imitando física ou moralmente a pessoa do agressor, ou ainda adotando certos símbolos de poder que o designam (p. 124).

Por outro lado, a identificação reivindicatória é produto e consequência da programação de um projeto identificatório. Precede as relações objetais pós-natais e se articula com a estrutura do sistema narcisista intersubjetivo a serviço da regulação deste *outro* desconhecido pelo sujeito e que o instala em um papel unívoco, destinado a ser um agente vitimador, castigador e assassino. Esta intrincada situação parento-filial nos permite estudar as relações recíprocas entre as gerações e o campo dinâmico das forças inconscientes que se desenvolvem entre os três vértices do triângulo edípico:

Esta visão ampliada dos conflitos edípicos permite enlaçar, dialeticamente e sobre uma base metapsicológica, os problemas narcisistas com os problemas edípicos e pretende evitar reduzir a análise teórica do complexo nuclear da neurose unicamente ao jogo das pulsões, sem subestimar, por isso, a importância teórica destas (Faimberg, 1996, p. 177).

Efetivamente, dirigir nosso olhar conjunto para os três ângulos do triângulo edípico e não unicamente para a relação de Édipo com suas figuras parentais permite-nos atribuir um papel essencial, na constituição de um determinado complexo de Édipo aos outros fatores da relação provenientes dos outros dois vértices do triângulo: o de Laio e o de Jocasta em relação ao filho (desejo inconsciente de cada um dos pais e relação entre os pais e as investidas identificatórias que recaem sobre o filho e que configuram a estruturação inconsciente de sua personalidade).

Com efeito, uma via régia para a elucidação e elaboração do complexo de Édipo é constituída pelo processo de historização, na situação analítica, dos desejos e identificações provenientes de outras gerações que recaem inexoravelmente em cada sujeito e de que modo o filho participou e ainda participa desses contratos identificatórios, subscrevendo finalmente um sistema de desejos dos *outros* impostos a ele.

Uma das tarefas do processo analítico centrar-se-á em fazer consciente e historizar de que modo os pais reconheceram ou não a alteridade do filho. Outra será pôr em evidência como os desejos e identificações provenientes dos complexos paterno, materno e parental se mantêm ainda ativos, não somente na realidade psíquica do sujeito, mas também nas de seus progenitores e como estes intentam impor e recobrir com suas histórias a identidade do filho e impedir que esta se constitua.

Será, então, função do filho passar pelo intrincado trabalho de elaboração do reordenamento do enigmático sistema das identificações que, ao mesmo tempo que o constituem, o alienam em situações traumáticas de outras gerações que não lhe concernem, para então poder aceder à permanente e interminável construção-desconstrução e reconstrução do processo de sua identidade.

Diz Borges (1976): “Não haverá de salvar-te o que deixaram / Escrito aqueles que teu medo implora; / Não és os outros e te vês agora / Centro do labirinto que tramaram / Os teus passos. / Não és os outros” (p. 499).

Todo sujeito, para poder desfazer-se do encerramento no labirinto de Narciso e Édipo que o retém sem trégua, necessita enfrentar, ao longo da vida, um ato iniludível: a confrontação geracional e fraterna. Esta confrontação requer, como pré-condição, a admissão da alteridade e da identidade, da semelhança e da oposição nas relações parento-filiais e entre os irmãos. Para isso, cada um dos integrantes do campo da confrontação necessita atravessar iniludíveis e variados lutos nas dimensões narcisista, edípica e fraterna.

Recordemos que Freud (1908) assinala que a operação de desprendimento da autoridade parental é uma tarefa absolutamente necessária a cumprir, porque é condicionante do crescimento em todos os sujeitos. Seu não cumprimento, por outro lado, detém o desenvolvimento individual e social:

No indivíduo que cresce, o desprendimento da autoridade parental é uma das operações mais necessárias, mas também mais dolorosas do desenvolvimento. É absolutamente necessário que se cumpra, e é lícito supor que todo homem que chegue a ser normal a tenha levado a cabo em certa medida. Mais ainda: o progresso da sociedade descansa, todo ele, nessa oposição entre ambas

as gerações. Por outro lado, existe uma classe de neuróticos em cujo estado se distingue, como condicionante, seu fracasso nessa tarefa (Ibid., p. 217).

Clinicamente, os sujeitos podem agrupar-se em três categorias segundo se confrontem ou não com seus progenitores e irmãos:

- a) os que são incapazes de confrontar-se com os pais e irmãos;
- b) os que se perpetuam em uma interminável confrontação através do desafio tanático da provocação;
- c) os que superaram o desafio tanático e lograram chegar ao desafio trófico, cujos efeitos estruturantes são necessários para o alcance da separação-individuação.

Os personagens borgeanos não chegam à terceira categoria. Permanecem inibidos e confinados dentro da primeira e sofrem, como consequência, severas perturbações na modelagem do interminável processo de configuração da própria identidade. Segundo Borges (1975) em *Sou*:

Sou o que sabe que não é menos vão / Que o vão observador que no espelho
/ De silêncio e cristal segue o reflexo / Ou o corpo (tanto faz) de seu irmão.
/ Sou, tácitos amigos, o que sabe / Que não há outra vingança que o olvido /
Nem há outro perdão. / Um deus ao ódio / Humano deus esta curiosa chave.
/ Sou o que, apesar de tão ilustres modos / De errar, não logrou decifrar o
labirinto / Singular e plural, árduo e distinto, / Do tempo, que é de um e
de todos. / Sou o que é ninguém nem foi espada / Numa guerra. Sou eco,
olvido, nada. (p. 31)

c) O Édipo borgeano

A confrontação geracional necessita ser considerada em uma visão conjunta, produto de uma relação intersubjetiva na qual os pais e os filhos se definem uns pelos outros, envolvidos em um campo dinâmico (Kancyper, 1995).

Este campo é uma estrutura distinta da soma de seus componentes – como uma melodia é distinta da soma das notas – e origina uma fantasia inconsciente básica que, como produto do campo, se enraíza no inconsciente de cada um dos integrantes (Baranger, 1992). Esta fantasia inconsciente básica é uma produção original e originada no campo e por sua mediação se estrutura sua dinâmica, inclui zonas importantes da história pessoal dos participantes, os quais assumem um papel imaginário estereotipado. A funcionalidade do campo da confrontação geracional exige uma dessimetria radical entre as funções parental e filial. Mas tanto os pais

como o filho necessitam passar por diferentes e complexas elaborações psíquicas:

1. lutos nas dimensões narcisista, edípica e pigmaliónica (Kancyper, 2000);
2. lutos pela irreversibilidade temporal que inclui, em um mesmo movimento, a queda progressiva da imortalidade e onipotência dos pais que envelhecem, a admissão do poder em ascensão da nova geração que questiona as certezas anteriores e as relações de domínio na família, nas instituições e na sociedade;
3. desidealização gradual e paroxística da imagem dos pais maravilhosos para o filho e do filho maravilhoso que não alcança satisfazer o cumprimento dos ideais parentais;
4. processos de reordenamento identificatório e de ressignificação tanto no filho como nos progenitores.

O conceito de campo possibilita a abordagem de muitos tropeços na confrontação geracional como manifestações da presença de uma patologia específica dessa estrutura na qual pais e filhos participam de um modo complementar e em diferentes graus.

Este campo dinâmico intergeracional depende, por um lado, dos efeitos que surgem a partir dos sistemas narcisistas parentais e filiais, que não são simétricos entre si, com suas configurações fantasmáticas de imortalidade, onipotência, idealização e do duplo e, por outro lado, das fantasias incestuosas, parricidas e filicidas do complexo de Édipo e das fantasias furtivas, da excomunhão e da confraternidade inerentes ao complexo fraterno, que possui sua própria especificidade e se articula em diferentes graus com o complexo nodular das neuroses (Kancyper, 1995,1998, 2000).

Entendo que, nos personagens borgeanos, prevalece uma singular fantasia inconsciente básica de campo caracterizada pela sobrevivência de um pacto de eternidade entre um filho redentor que nasce para redimir as feridas narcísicas não cicatrizadas de um pai que teria adoecido de um profundo sentimento de insignificância por não ter podido satisfazer seus próprios ideais sublimatórios.

O Édipo de Borges teria sido, então, investido desde o projeto identificatório parental como o maravilhoso duplo imortal de um pai envergonhado, diferentemente do Édipo freudiano, que teria sido identificado, prévio à sua chegada ao mundo, como o duplo assassino nefasto para castigar um pai culposo e merecedor de castigo. Enquanto que, no Édipo borgeano, o conflito intrapsíquico corresponde à tensão basicamente entre o ego ideal e o ideal do ego com respeito ao ego, no Édipo do mito e da tragédia de Sófocles o conflito gera-se fundamentalmente entre um superego hipersevero e o ego. Os personagens borgeanos sofrem de uma dívida narcisista não paga, a qual se subjetiviza como sentimento de vergonha e não como culpa persecutória por não ter chegado a materializar as aspirações dos

desmesurados ideais parentais. Essas faltas os fixam em relações imaginárias duais não com a figura materna, senão com o pai. Relações alienantes, que obstaculizam a passagem à triangulação. O fracasso no desprendimento das identificações redentoras e reivindicatórias retém o sujeito em estruturas neuróticas graves, nas quais prevalecem as relações pré-edípicas, configurando as chamadas neuroses de predomínio dual.

d) Neuroses de predomínio dual

Schkolnik (1995) descreve com o nome de neurose de predomínio dual certos quadros clínicos severos nos quais as relações pré-edípicas comandam a dinâmica psíquica. Não obstante, este comando não é global, senão que restam áreas em que aparece, mediante cisões, um funcionamento triangular edípico. Nesta neurose

[...] põe-se de manifesto certa fragilidade na constelação identificatória do sujeito, dando lugar a que a separação do outro seja vivida como uma perda quanto ao ego. Nestes casos, junto ao retorno do reprimido em que se desdobram a problemática edípica e a angústia de castração, surgem no cenário da análise outros efeitos do inconsciente que dão conta de falhas na repressão e carências quanto aos referentes identificatórios básicos para a constituição do sujeito, que se acompanham de uma angústia importante vinculada a vivências de desamparo e desvalimento (Schkolnik, 1995, p. 54).

O autor diferencia dois tipos de vínculos duais: o dual pré-edípico e o dual arcaico. Este último se caracteriza por falhas precoces no processo de narcisização:

No vínculo dual pré-edípico, as vivências da infância inicial com a mãe ressignificam-se no trânsito edípico, em uma continuidade que está dada por uma conflitiva predominantemente ligada ao sexual. Nestes casos há uma tendência a estabelecer relações conjugais absorventes, fechadas, sem maior lugar para os filhos ou outros vínculos próximos, com uma demanda permanente de um amor exclusivo e único, impregnado de aspirações narcisistas. As neuroses nas quais predomina o vínculo dual arcaico caracterizam-se pela existência de uma problemática narcisista resultante de uma discriminação insuficiente com o outro, com as consequentes dificuldades para aceder à própria subjetividade. Neste caso, estamos enfrentando um aspecto cindido no psiquismo, que se caracteriza por um narcisismo distinto ao da neurose. Esta outra modalidade de narcisismo, que

remete às origens, manifesta-se por uma tendência ao fusional que evoca os primeiríssimos momentos de constituição do psiquismo, quando ainda não estavam estabelecidos suficientemente os limites entre o mundo interno e o mundo exterior (Ibid., p. 54).

Em outros casos, a neurose de predomínio dual estrutura-se com a figura paterna, configurando-se entre ambos uma relação centáurica, fusional e ambígua à qual denominei simbiose pai-filho (Kancyper, 1989):

A relação centáurica é uma constelação binária idealizada e indiscriminada na qual o pai funciona como a cabeça e torso de um humano e o filho o continua com o corpo de um fabuloso cavalo e vice-versa. Entre ambos conformam um novo ser, com um corpo fusional e protético intercambiável em permanente expansão, montável e desmontável como um quebra-cabeças (Aragonés, 2004, p. 214).

O centauro representa “um ser divino terioantropomórfico (de forma bestial e humana)” (Goux, 1998, p. 45), ser sobrenatural que pode realizar um ato sagrado: o de libertar o filho do cativo materno.

Considero que o desenvolvimento psicosssexual, tanto no menino como também na menina, requer atravessar-se um período transitório de uma relação pré-edípica com o pai, relação centáurica na qual chegam a cimentar-se, no filho, as identificações com as funções paternas de corte da primeira dependência fusional com a mãe. É através desta passageira aliança pai-filho que se chega gradualmente à libertação das angústias e dos poderes suscitados nas relações pré-edípicas com a mãe e se propicia, somente então, a passagem rumo à triangulação e ao salto estrutural que representa o complexo de Édipo. A relação centáurica normal evoca a estrutura mítica de Quíron:

Quíron é o mais célebre, sensato e sábio dos centauros, filho do deus Cronos e de Filira, filha de Oceano. Para engendr-lo, Cronos uniu-se a Filira na figura de um cavalo, o que explica sua dupla natureza. Quíron, que nasceu imortal, era bom amigo dos homens, prudente e benévolo. Educou Aquiles e Jasão, e diz-se que o próprio Apolo recebeu suas lições. Seus ensinamentos compreendiam a música, a arte da guerra, a da caça, a moral e a medicina, pois Quíron foi um médico célebre e inclusive praticou cirurgia. Quando Aquiles, ainda criança, teve o tornozelo queimado em consequência das operações de magia que sua mãe havia efetuado sobre ele, Quíron trocou o

osso perdido por outro retirado do esqueleto de um gigante (Grimal, 1982, p. 162).

Mas, em certas situações, a relação centáurica estruturante perde seu caráter de transicionalidade e permanece detida, como que instalada em um vínculo ambíguo e viscoso entre pai e filho, configurando-se entre ambos uma interminável simbiose patológica. Nesta simbiose patológica pai-filho, perde-se a função cirúrgica paterna de corte da díade pré-edípica com a mãe e gera-se por sua vez uma grave neurose, também com predomínio de um vínculo dual e atormentado, mas com a figura do pai.

A simbiose pai-filho seria a resultante de uma interação particular entre os papéis e funções que exercem cada um dos integrantes dentro de uma estrutura familiar singular. Situação na qual o pai exerce grande atração sobre o filho por suas constelações psicológicas particulares. É um pai que somente ama, na realidade, a si mesmo. Não necessita amar, senão ser amado e aceita ao filho que preencha esta condição. É um pai que, subjacente à onipotência manifesta, encobre uma insaciável necessidade de reassseguramento narcísico, criando para tal fim depositários de veneração.

O filho aderido a tal simbiose sente-se impedido de superá-la, porque isso atentaria contra a fantasia do corpo fusionado de um deus continuado em um filho eterno, acarretando o perigo da ruptura do pacto que conduziria a fantasias de fragmentação, de esquartejamento, de abandono e de morte de ambas as partes comprometidas: *Contigo, filho, não posso viver; sem ti, morro.*

Cria-se, portanto, uma relação aditiva, de dependência recíproca e irrefreável entre o pai erigido como droga e indutor, no filho, de sua fascinação narcísica adicta, permanecendo ambos em um reconhecimento de báscula, de intercambiabilidade de papéis. A droga/adição pai-filho é uma relação passional ao mesmo tempo amorosa e despótica, de temor e de submissão do sujeito ao objeto. Objeto que inibe o deslocamento para outros objetos, detendo e retendo o sujeito e o objeto em uma circularidade repetitiva e em uma temporalidade singular.

A simbiose do filho com o pai apresenta uma origem dupla: objetual e narcisista. Objetual, como uma tentativa de restituir, por meio do pai, uma primeira relação pré-edípica insuficientemente estruturada. Narcisista, com a finalidade de neutralizar uma autopercepção desvalida de estar indefeso, que o leva a fugir para o refúgio de uma imagem fusionada com um pai eterno, protetor e supervalorizado, que finalmente detém o filho em estruturas diádicas, interferindo em sua passagem para a triangulação.

Retomemos novamente o conto *A memória de Shakespeare* (Borges,

1982a), no qual resulta surpreendente a ausência total de rebelião de Hermann Soergel ao mandato de Daniel Thorpe de fusionar-se com a memória de suas próprias frustrações por não ter chegado a ser ele, para seu próprio *self*, o ideal shakespereano. Neste relato, Hermann Soergel permanece finalmente cativo da condenação narcisista da repetição: “Esse e outros caminhos foram inúteis: todos levavam-me a Shakespeare” (Ibid., p. 47).

e) O lugar do pai e sua tipologia diferente na cartografia mental borgeana

Antes de abordar o intrincado tema das identificações, abrirei um parêntese para recordar que, na cartografia mental dos personagens borgeanos, aparecem diferentes lugares do pai. Se bem prevaleça em sua obra a figura central da simbiose pai-filho, também encontramos nela outros campos dinâmicos intergeracionais marcados por relações menos narcisistas e nos quais prevalecem pais que chegaram a processar, em certa medida, seus próprios lutos de onipotência, imortalidade e especularidade na dimensão parento-filial. Porque, assim como os pais são necessários para que o filho venha a configurar a sua própria estrutura edípica, também o são para que eles mesmos, através de um gradual e árduo trabalho de elaboração psíquica, consigam desfazer-se da desmedida do seu poder parental originário.

Nos seguintes textos, *As ruínas circulares* (1944), *O golem* (1964a), *Animais nos espelhos* (1967a), *O centauro* (1967d), *O simurg* (1967c) e *O pelicano* (1967b), põem-se em evidência diversos gradientes da queda progressiva do sentimento da onipotência parental e a passagem gradual do amor ao poder para o poder do amor de pais a filhos.

Em *As ruínas circulares*, Borges revela o afã pigmaliónico que sobrevive na alma dos pais. Mas, diferentemente do que acontece no mito e na obra de Bernard Shaw, o Fazedor admite seu erro e assume que a relação pigmaliónica gera um campo tanático em que ambos, pais e filhos, terminam em uma eloqüente ruína circular. *O golem* representa o autômato servil de um filho que foi programado pigmalionicamente a partir de um controle onipotente parental e conclui com uma reflexão questionadora sobre esse aspecto divino e cruel do pai. Em *Animais dos espelhos*, Borges denuncia o caráter autoritário de certos pais. Neste conto, ouve-se o despertar das vozes de rebelião dos subordinados reunidos com solidariedade para resistir ao abusivo poder intergeracional. *O centauro* põe de manifesto a função estruturante de um pai aliado do filho com o qual se envolve transitoriamente em

uma relação de fusão pré-edípica para poder desfazer-se das amarras do poder materno originário. Em *O simurg*, encontra sua expressão o afã de imortalidade que subjaz em cada sujeito. Mas, neste breve relato, Borges assinala que a imortalidade não pode permanecer como um dom exclusivo do pai atávico, mas requer ser distribuída e portada por cada um dos filhos. Finalmente, em *O pelicano*, o pai nutre seus descendentes com seu próprio sangue.

Antes de concluir, transcreverei um último poema, *The thing I am* (1977). Nele ficam claras a ambigüidade, o terror e a vergonha daqueles sujeitos que se vivenciam como covardes e pretensiosos porque não conseguiram ser os portadores de uma voz própria e genuína. Autopercebem-se, por outro lado, como meros simulacros e ecos das memórias heteróclitas de diferentes gerações e terminam sucumbindo, fatalmente, ao poder atemporal exercido neles pelos efeitos provenientes das identificações e das crenças inconscientes dos outros:

Esqueci meu nome. Não sou Borges / (Borges morreu em La Verde, ante as balas) / Nem Acevedo, sonhando uma batalha, / Nem meu pai, inclinado sobre o livro / Ou aceitando a morte na manhã, / Nem Haslam, decifrando os versículos / Da Escritura, longe de Northumberland, / Nem Suárez, o do ataque de lanças. / Sou apenas a sombra que projetam / Essas íntimas sombras intrincadas. / Sou sua memória, e sou também o outro / Que, como Dante e os homens todos, / Já estive no raro Paraíso / E nos muitos Infernos necessários. / Sou a carne e o rosto que não vejo. / Sou no final do dia o resignado / Que dispõe de modo algo diverso / As palavras da língua castelhana / Para narrar as fábulas que esgotam / O que se chama de literatura. / Sou o que folheava enciclopédias, / O tardio escolar de fontes brancas / Ou cinza, prisioneiro de uma casa / Cheia de livros que não possuem letras, / Que na penumbra escande um temeroso / Hexâmetro aprendido junto ao Ródano, / O que quer pôr a salvo o orbe que foge / Do fogo e também das águas da Ira / Com um pouco de Fedro e de Virgílio. / O passado me acossa com imagens. / Sou a brusca memória da esfera / De Magdeburgo ou de duas letras rúnicas / Ou de um dístico de Angelus Silesius / Sou o que não conhece outro consolo / Que recordar o tempo da ventura. / Às vezes sou a ventura imerecida. / Sou o que sabe não passar de um eco, / O que anseia morrer inteiramente. / Sou talvez o que tu és no sonho. / Sou a coisa que sou. Já disse Shakespeare. / Sou o que sobrevive aos covardes / E aos fâtuos que já fui (p. 542). □

Abstract

The power of identifications and beliefs in the work of Jorge Luis Borges

Shakespeare's memory is a crepuscular short story by Borges. It was written at the end of his life, and it irradiates on his previous work the cold light of a fading star. Based on this text, the author studies, according to the mental cartography of the Borgeans characters, the different places of the father. According to the author, even though the central figure of the parent-child symbiosis prevails in the work by Borges, we also find in its work other dynamic intergenerational fields defined by less narcissistic relationships and in which there are parents that were able to process, at some extent, their own mourning of omnipotence, immortality and specularity in the parent-child dimension. Since as well as parents are necessary so that the child is able to configure his/her own Oedipal structure, they are also necessary for themselves, through a gradual and hard work of psychic elaboration, to be able to get rid of the excessiveness of their original parental power. Calling it parent-child symbiosis, the author develops in a broad manner the concept of the pre-oedipal relationship with the father as a centauric, fusional and ambiguous relationship, necessary and structuring phase in the human development so that the child detaches from the first symbiosis with the mother and gets to the configuration and elaboration of the oedipal situation.

Keywords: Pre-oedipus. Oedipus. Claiming identification. Psychic belief. Symbiosis father-son.

Resumen

El poder de las identificaciones y de las creencias en la obra de Jorge Luis Borges

La memoria de Shakespeare es un cuento crepuscular del último Borges. Ha sido escrito al final de su vida e irradia sobre su obra anterior la luz fría de un astro que se apaga. A partir de este texto el autor estudia en la cartografía mental de los personajes borgeanos los diferentes lugares del padre. Si bien prevalece en su obra la figura central de la simbiosis padre-hijo; también hallamos en ella otros campos dinámicos intergeneracionales signados por relaciones menos narcisistas, y en los que prevalecen padres que han alcanzado a procesar, en cierta medida, sus propios duelos de: omnipotencia, inmortalidad y especularidad en la dimensión parento-filial. Porque así como los padres son necesarios para que el niño acceda

a configurar su propia estructura edípica, también lo son, para que ellos mismos, a través de un gradual y laborioso trabajo de elaboración psíquica, logren desasirse de la desmesura del originario poder parental por ellos detentado. Desarrolla con amplitud el concepto de la relación preedípica con el padre y la denomina: simbiosis padre-hijo como una relación centáurica, fusional y ambigua; fase necesaria y estructurante en el desarrollo humano, para que el hijo logre el desasimiento de la primera simbiosis con la madre y acceda a la configuración y elaboración de la situación edípica.

Palabras llave: Preedipo. Édipo. Identificación reivindicatória. Creencia psíquica. Simbiosis padre-hijo.

Referências

- ARAGONÉS, R. (2004). *Memoria del territorio*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- BARANGER, W. (1976). El Edipo temprano y el complejo de Edipo. *Revista de Psicoanálisis*, v. 16, n. 2, p. 303-314.
- _____. (1992). La mente del analista, de la escucha a la interpretación. *Revista de Psicoanálisis*, v. 49, n. 2, p. 303-314.
- BORGES, J. (1939). Pierre Menard, autor del Quijote en ficciones. *Obras Completas de Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Emecé, 1987. p. 440-450.
- _____. (1944). Las ruinas circulares en (??)ficciones. *Obras Completas de Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Emecé, 1987. p. 451-455.
- _____. (1960). Borges y yo. *Obras Completas de Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Emecé, 1987. p. 808-809.
- _____. (1964a). El gólem. El otro, el mismo. *Obras Completas de Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Emecé, 1987. p. 885-887.
- _____. (1964b). Edipo y el enigma. El otro, el mismo. *Obras Completas de Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Emecé, 1987. p. 929-930.
- _____. (1967a). Animales de los espejos. In: _____. *El libro de los seres imaginarios*. Buenos Aires: Emecé, 1996. p. 26-28.
- _____. (1967b). El pelícano. In: _____. *El libro de los seres imaginarios*. Buenos Aires: Emecé, 1996. p. 198-199.
- _____. (1967c). El simurg. In: _____. *El libro de los seres imaginarios*. Buenos Aires: Emecé, 1996. p. 225-227.
- _____. (1967d). El centauro. In: _____. *El libro de los seres imaginarios*. Buenos Aires: Emecé, 1996. p. 72-75.
- _____. (1975). Soy. In: _____. *La rosa profunda*. Emecé: Buenos Aires, 1996. p. 31-32.
- _____. (1976). No eres los otros. In: _____. *Obra poética*. Buenos Aires: Emecé. p. 499-500.
- _____. (1977). The thing I am. In: _____. *Obra poética*. Buenos Aires: Emecé. p. 542-543.
- _____. (1982a). La memoria de Shakespeare. In: _____. *La memoria de Shakespeare*. Buenos Aires: Emecé, 2004. p. 45-49.

- _____. (1982b). Agosto 25.1983. In: _____. *La memoria de Shakespeare*. Buenos Aires: Emecé, 2004. p. 9-18.
- BRITTON, R. (1994). Realidad psíquica y creencia inconsciente. *Revista de Psicoanálisis*, v. 51, n. 1-2, p. 27-30.
- FAIMBERG, H. (1996). El mito de Edipo revisitado. In: _____. *Transmisión de la vida psíquica entre generaciones*. Buenos Aires: Amorrortu. p. 167-186.
- FREUD, A. (1936). *Picoanálisis del desarrollo del niño y del adolescente*. Buenos Aires: Paidós, 1976.
- FREUD, S. (1908). *La novela familiar del neurótico*. Buenos Aires: Amorrortu.
- GOUX, J. (1998). *Edipo filósofo*. Buenos Aires: Biblos.
- GRIMAL, P. (1982). *Diccionario de mitología griega y romana*. Barcelona: Paidós.
- KANCYPER, L. (1989). Jorge Luis Borges o el laberinto de Narciso. In: _____. *Jorge Luis Borges o la pasión de la amistad*. Buenos Aires: Lumen, 2003. p. 15-54.
- _____. (1992). La identificación reivindicatoria. In: _____. *Resentimiento y remordimiento*. Buenos Aires: Paidós. p. 95-99.
- _____. (1995). Complejo fraterno y complejo de Edipo. *Revista de Psicoanálisis*, v. 52, n. 3, p. 80-89.
- _____. (1998). Complejo fraterno y complejo de Edipo en la obra de Franz Kafka. *Revista de Psicoanálisis*, v. 55, n. 2, p. 205-240.
- _____. (2000). *La confrontación generacional*. Buenos Aires: Lumen, 2003. p. 125-129.
- _____. (2003). *El complejo fraterno*. Buenos Aires: Lumen.
- LACAN, J. (1981). Ideal del yo y yo ideal. In: _____. *Seminário I*. Barcelona: Paidós. p. 197-216.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. (1971). *Diccionario de psicoanálisis*. Madrid: Labor.
- PIGLIA, R. (1999). *Formas breves*. Buenos Aires: Temas.
- PÍNDARO. (474 a.C.). Píticas III. In: *Vozes da poesia européia I*. Colóquio Letras, n. 163, jan./abr., 2003. p. 61-62.
- RASCOVSKY, A. (1967). Sobre el filicidio y su significación en la génesis del acting-out y la conducta psicopática en Edipo. *Revista de Psicoanálisis*, n. 4, p. 72-75.
- RODRÍGUEZ, F. (2005). El último Borges. *Diario Clarín*, Buenos Aires, 29 jan. 2005. p. 4.
- SCHKOLNIK, F. (1995). *Lo arcaico en las neurosis*. Montevideo: APU.

Recebido em 22/11/2006

Aceito em 25/04/2007

Tradução de **Ana Paula Lago Maines**

Revisão técnica de **Maria Cristina Garcia Vasconcellos**

Luis Kancyper

Guemes 2963 Piso 10

CP1425 – Buenos Aires – Argentina

e-mail: kancyper@sinectis.com.ar

© Luis Kancyper

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA